

## HISTÓRIA ORAL CONSTRUÍDA COM MEMÓRIAS DE GUERRA

*Prof. Dr. Carlos Frederico Corrêa da Costa – Dep. História/CPAQ/UFMS*

Este Simpósio Temático tem como objetivo a troca de idéias entre os pesquisadores que trabalham com a História Oral, tendo como fontes memórias de guerra.

Que suportes têm os pesquisadores para a construção da História a partir da memória? Quais as técnicas e/ou metodologias empregadas, os pressupostos teóricos com que trabalham esses construtores de representações?

Outro aspecto que tem margem para ser discutido é a questão da verdade em História, quando as fontes que alimentam a pesquisa são depoimentos, portanto, sujeitos a esquecimentos, nem sempre de fato ocorridos, e acréscimos ao fato histórico provocados pela emoção de quem viveu situações extraordinárias.

Memórias de guerra têm um condicionante que difere de outras memórias, porque foram vividas em situações que fogem ao cotidiano, o que conduz muita das vezes a um depoimento épico ou melancólico que transparece na narrativa. Como deve o pesquisador lidar com esta variável para que possa construir uma representação histórica que mais se aproxime do fato vivido?

Estas como muitas outras, são questões que pesquisadores que trabalham com as memórias de guerra poderão ter oportunidade de socializar, transmitindo suas experiências pessoais.

Outro fato que também justifica o Simpósio Temático, é que prováveis assistentes, como professores do ensino fundamental e médio, sintam-se estimulados a escreverem, juntamente com seus alunos, histórias das escolas, dos bairros, da pequena cidade e até mesmo histórias de famílias, o que poderia ser uma boa contribuição para a construção do saber histórico.

\*\*\*\*\*

A narrativa na História Oral começa a instigar o pensamento quando se faz uma reflexão sobre como deve ser reproduzido o discurso oral após a mediação do oralista. Há os que defendem a pureza da transcrição do depoimento, outros acham que há necessidade de uma edição onde a correção dos erros ortográficos, de concordância e da coerência textual tornam o texto mais agradável para leitura, outros, porém, vão além da edição, inovando até na terminologia, usando expressão como *transcriar*, tomada de empréstimo ao tradutor e poeta concretista Haroldo de Campos.

Como proposta para discussão neste Simpósio, trago para uma leitura crítica o texto abaixo onde, em uma primeira fase, se procurou transcrever um depoimento com toda a fidelidade da fala do narrador, passando-se em seguida a “transcriar” o texto, procurando-se produzir um texto literário, onde aparece o dito e o não dito, mas que foi subentendido; o “teatro da linguagem” de Roland Barthes, onde a procura da emoção transmitida na fala é buscada a todo momento.

Mas como o oralista, representado por um historiador, um sociólogo, um antropólogo, ou outro cientista social, pode ter credibilidade após alterar substancialmente um depoimento oral? Implicando a questão da ética, o oralista dispendo do texto definitivo deve apresentá-lo a aquele que lhe deu o depoimento para que o leia, confira suas palavras e legitime o texto, concordando com a sua divulgação. Caso contrário, o texto deve ser refeito quantas vezes for necessário até obter a aprovação para a divulgação, podendo mesmo deixar de ser divulgado por falta de acordo entre o depoente e o pesquisador.

Foi dentro desta proposta metodológica, que surgiu o texto memorialista abaixo:

\*\*\*\*\*

O General Darcy Lazaro é homem mais para baixo do que para alto, com uma memória muito boa, e cercado de farta documentação sobre assuntos da II Guerra Mundial, em especial sobre a participação do Brasil.

Passados tantos anos, a guerra do Teatro de Operações da Itália ainda é o seu assunto principal, apesar de ter desempenhado muitas outras funções e exercido comandos importantes. As histórias da Força Expedicionária Brasileira (FEB) afloram com facilidade e nota-se o gosto com que faz suas narrativas.

O General tem um escritório montado no Plano Piloto de Brasília, é assistido por uma secretária e um motorista particular, provavelmente devido a sua deficiência visual que vem aumentando com a idade. Não tem mais condições de ler e a sua secretária lê em voz alta suprindo-lhe das suas leituras; o motorista além de conduzir o veículo é também uma espécie de office boy do General.

Sua voz ainda é forte, imperativa como é comum entre os militares de carreira, porém seu tratamento é à moda antiga, respeitoso, cerimonioso, escolhendo as palavras mais adequadas, ao mesmo tempo em que se preocupa em esclarecer o significado dos conceitos que fazem parte da indagação do entrevistador.

O General Darcy Lazaro, único oficial da sua turma da Escola Militar do Realengo a atingir o generalato, no meio febianiano é uma lenda viva, muito respeitado e admirado, tanto pelos que foram seus comandados ou superiores, como por aqueles que tiveram notícias das suas ações de combate.

\*\*\*\*\*

## A MINHA COMPANHIA TEVE 29 MORTOS E 143 FERIDOS E NÓS ÉRAMOS 193

Desse período da guerra, eu discordo muito de um certo ponto de vista, que diz que o Brasil não precisava ter entrado na guerra. Eu era ajudante-de-ordem do general Álcio Souto e vivi um ambiente muito próximo do governo. Dizem que o Presidente Roosevelt teve um encontro com Getúlio no Nordeste, porque queria que o Brasil entrasse na guerra. Eu acho perfeitamente normal ele querer o maior número de aliados possível, mas o que ele queria era o seguinte: os alemães ocuparam o Norte da África, em Dacar tem o estreito do Atlântico, de Dacar a Natal, no Nordeste brasileiro, está a parte mais estreita do Oceano Atlântico e era possível que se os alemães vencessem os ingleses na África eles atravessassem o estreito do Atlântico e invadissem o Nordeste.

Para colaborar com as preocupações existentes na época, veio para o Atlântico Sul uma frotilha de submarinos alemães para perturbar a navegação marítima dos Aliados e afundaram trinta e um navios mercantes brasileiros e um da Marinha de Guerra. A frotilha era composta de oito submarinos de quinhentas toneladas e dois de setecentas toneladas, apoiados por um submarino tanque 1/460 que abastecia em pleno Atlântico não só de combustível mas das necessidades de sobrevivência. Existiam também submarinos italianos, o Da Vinci e o Barbarigo, por exemplo.

No torpedeamento dos navios mercantes morreram novecentos e setenta e um brasileiros; e no torpedeamento do navio da Marinha de Guerra Marquês Vital Oliveira, morreram cem militares da Marinha de Guerra. Em novembro de 1944 acompanhei, como Ajudante-de-Ordem, o general Álcio Souto a uma cerimônia na Escola Militar, e na ida o general comentou que o capitão fulano estava indo para a guerra, então eu lhe disse que também gostaria de ir para a Itália desde que ele, o general, não pensasse que eu estava desertando do serviço dele. O general Álcio Souto comentou que eu tinha apenas cinco meses de casado, mas iria falar com o general Anor Teixeira dos Santos, chefe do Estado Maior da Força Expedicionária Brasileira no Interior, durante a cerimônia.

Ainda comentei com o general que tinha muita curiosidade de ver a guerra e gostaria que meus filhos se orgulhassem do seu pai por esse fato. Na volta, de carro, o general me deu a notícia de que existiam muitos capitães interessados, até sobrando, mas que ele conseguiu a minha indicação para a FEB.

Eu já tinha um cunhado, também capitão, casado com a irmã da minha mulher, que estava na Itália, e depois do almoço dei a notícia a minha mulher dizendo que ia me encontrar com o meu cunhado na Itália.

Fui para a Vila Militar me apresentar, tomei não sei quantas vacinas, que naquela época as reações eram muitos fortes, e a uma hora da madrugada estava na Intendência recebendo uniforme e equipamento; no dia seguinte, cedinho, foi a vez de preparar a documentação administrativa, a Declaração de Herdeiros em benefício da minha mulher...

Na hora do embarque, no fim da tarde, foi verificado que meu nome não constava na lista de embarque, e só no dia seguinte, à noitinha o comandante do navio resolveu autorizar o meu embarque. O navio saiu de madrugada, escoltado por navios de guerra da Marinha brasileira. Do tombadilho do meu navio eu via de um lado e do outro e atrás, os navios da Marinha com suas guarnições em seus postos de combate, prontos para enfrentarem os submarinos inimigos com fogo cruzado, e assim prosseguimos em zig-zag por vários dias.

Eram fornecidas apenas duas refeições por dia, café e almoço, não tinha jantar. Certo dia entrou um americano em nosso camarote, eram oito oficiais, perguntando quem queria jantar também, eu imediatamente me prontifiquei e fiquei encarregado da faxina da proa, não deixando que um só papelzinho caísse no mar para não servir de esteira para os submarinos alemães, para ter direito a jantar todos os dias, até Nápoles.

Nosso navio atracou no bordo de um navio afundado de boca para baixo, e nossas tábuas passaram por cima do casco parcialmente submerso, afundado na grande batalha para a conquista de Nápoles. No mesmo dia embarcamos em pequenos transportes de pessoal que iam jogando no mar Tirreno e nós vomitando, até chegarmos a Livorno, quando fomos para um grande acampamento. No dia seguinte o general Zenóbio foi visitar as tropas recém chegadas e ao passar por mim disse: "Você vai comandar a 1ª/11º RI (Primeira Companhia do 11º Regimento de Infantaria)". Eu seria o terceiro comandante da Companhia. O primeiro não se deu bem e foi tirado do comando, o segundo levou uma rajada de metralhadora no peito, ficou caído na neve e o ordenança<sup>1</sup> dele foi buscá-lo junto com um padioleiro, durante a noite, o encontraram, resgataram-no e o capitão terminou indo para um hospital nos Estados Unidos, regressou ao Brasil e morreu como tenente-coronel com seqüelas desses ferimentos.

Comigo, o terceiro comandante da Companhia, deu tudo certo graças a Deus, embora tenha havido problemas sérios na Companhia, resultando em vinte e nove mortos e cento e quarenta e três feridos em um efetivo de cento e noventa e três homens. A 1ª/11º RI apesar de tudo, saiu-se muito bem na guerra, atacou, defendeu, perseguiu, foi uma Companhia que lutou muito.

Eu participei de vários combates, inclusive de Monte Castelo, mas o que mais me causou dificuldades foi Castelnuovo. Era uma posição conquistada pelos aliados brasileiros e cabia a minha Companhia prosseguir na direção do objetivo. Comecei a progressão com três pelotões no primeiro escalão, caímos todos em um campo de minas e em poucos

minutos treze dos meus homens perderam o pé, um deles ao meu lado, e eu tive que dar uma parada debaixo do fogo, fazendo nossas armas pesadas atirarem e pedindo fogo de Artilharia que nos apoiou muito bem.

A Engenharia que nos acompanhava, especialistas em retirada de minas, foi limpando uma trilha e botando uma fita grossa, branca, sinalizando um caminho pelo qual se podia passar sem se pisar nas minas, e ao cair da noite conseguimos expulsar o inimigo e conquistamos Cessaço. Nenhuma ação, Castelo, Montese me deu tanto prejuízo em vidas e feridos como essa...

Particpei de vinte duas arrancadas, vinte vitoriosas, ficaram faltando exatamente duas que antecederam a vitória de Monte Castelo. À frente do Brasil, da tropa brasileira, era muito larga e não se tinha noção do valor militar do inimigo. No primeiro e segundo ataques a Monte Castelo o nosso número de combatentes era desvantajoso em relação ao inimigo, e mais, as condições topográficas, o inimigo em cima do morro e nós tendo que atacar de baixo para cima; a segunda grande dificuldade era que o inimigo atirava nas nossas costas, tiro de revés como se chamava, do Monte Belvedere. O general Mascarenhas e o tenente-coronel Castelo Branco, Oficial de Operações, detectaram o problema e no terceiro ataque a Monte Castelo a 10ª Divisão de Montanha, americana, atacou Belvedere e nós conquistamos ousadamente o famoso Monte Castelo.

Quando conquistamos Turim, recebi ordens do meu comandante de Batalhão para seguir de jipe até a fronteira da França com a Itália a fim de me ligar com o general comandante da 27ª Divisão Francesa, para comunicar, de ordem do general Mascarenhas de Moraes, que do lado da Itália estavam as tropas brasileiras e que o comandante brasileiro desejava um bom entendimento e que oferecia toda cooperação que fosse desejável e possível. Eu prestei bem atenção nessas duas palavras: desejável e possível.

Escolhi para ir comigo o tenente Quintiliano, que era uma pessoa muito animada, um sargento e um motorista. Em cada cidade que passávamos encontrávamos os partizanes, tropas irregulares italianas, e eu dizia braziliani e pedia informações ficando sabendo se à frente nós tínhamos "tedesqui" ou partizani; quando era partizani partíamos para lá e assim nós fomos prosseguindo até encontrar uma tropa regular, que de longe, pelo binóculo não sabíamos distinguir se eram alemães ou franceses. Eu disse para o tenente ir acenando um lenço branco e fomos de encontro à tropa, que era de franceses comandada por um sargento; o sargento chamou o tenente e em cima do capô do jipe ele seguiu comigo para falar com o comandante da Companhia. O capitão, com maiores recursos, fez as comunicações necessárias e fomos encaminhados diretamente ao Quartel-General.

No Quartel-General fui recebido pelo coronel Chefe do Estado Maior da Divisão e depois pelo General francês. Ele admirou-se muito de eu ter conseguido chegar até ele atravessando linhas de alemães, que felizmente não encontrei. Transmiti a mensagem do

meu general, dei-lhe outras informações sobre as tropas brasileiras, muito limitadas porque eu era um simples capitão, e retornei. Meses depois recebi uma nota informando que o governo francês tinha me condecorado por causa dessa ação, o que me deixou muito satisfeito pela generosidade do governo francês. Esta condecoração guardo com muito orgulho juntamente com outras gratas recordações da minha vida profissional.

Depois desse combate em que tivemos tantas baixas, que muitos homens saíram do campo de batalha em uma padiola diretamente para um hospital, a reação da minha Companhia era que somos combatentes, guerreiros, não somos medrosos, e a vontade era brigar, combater porque nós queríamos ir a forra desses homens... e isso eu explorava para conseguir êxito nas missões.

Quando voltei da guerra ouvi falar que os militares na Itália confabulavam sobre problemas políticos. Na minha Companhia não tinha nada disso, só se pensava na guerra. Não se falava em problema político na minha Companhia, e se falasse eu mandava calar a boca, porque eu não admitia nenhuma manifestação política na minha tropa. Ninguém nunca me falou para fazer ou deixar de fazer qualquer coisa no campo político, isso é coisa de jornal e eles podem dizer as bobagens que eles quiserem, eles têm direito.

O militar deve acompanhar a situação nacional, saber o que está acontecendo, isto é diferente de uma atuação política, discutir política dentro do quartel. A Política para o militar é assunto do Alto Comando e nós temos que acreditar na competência profissional, moral e patriótica dos nossos chefes militares, que saberão sugerir e orientar uma imagem correta dos fatos.

Antes de terminar esta entrevista, eu quero lhe dizer umas coisas. Todo extremismo é horrível, quer de direita quer de esquerda. O Presidente Castelo Branco, com quem trabalhei diretamente em mais de uma ocasião, dizia que nós devemos ter um objetivo, uma direção, no sentido da seriedade, da honestidade, sem preocupação com direita ou esquerda, com situação ou oposição, o que deve interessar é o Brasil, se é bom ou ruim para o Brasil.

---

<sup>1</sup> Soldado, uma espécie de criado dos oficiais comandantes